



## Caleidoscópio ibero-americano sob a ótica de José Marques de Melo

Cremilda MEDINA<sup>1</sup>

### Resumo:

José Marques de Melo, herdeiro da bagagem técnica e dos subsídios sistematizados pela sociologia funcionalista norte-americana, ou das ênfases jurídicas do Quarto Poder, que os primeiros cursos de Jornalismo no País (anos 1940-50) ofereciam, descolou-se de uma carreira da rotina profissional para viajar na terra brasileira, na América ou na Europa, em busca da pesquisa permanente, regida por interrogações e não certezas ideológicas ou doutrinárias. A identidade aberta de um brasileiro, latino e ibero-americano se comprova na pluralidade de suas digitais que seus livros e coletâneas registram. Todas elas conjugando múltiplas cabeças. A discussão de políticas públicas da comunicação coletiva, anônima, social, como queiram, menos massiva, tem alimentado congressos, associações, cursos e formação estrito e lato sensu de profissionais. Nessa seara, José Marques de Melo ganhou liderança ibero-americana ímpar. Destaca-se a essência do conteúdo que o mobilizava, dizendo de outra forma, sua sede de pluralidade epistemológica, seu abraço incondicional aos diferentes e sua consciente miscigenação dos contributos identitários. Em síntese, somos herdeiros do conjunto de títulos que percorrem todos esses passos.

### Palavras-chave:

José Marques de Melo. Cremilda Medina. Comunicação ibero-americana.

## Ibero-American kaleidoscope from José Marques de Melo's perspective

28

### Abstract:

José Marques de Melo, heir of the technical baggage and subsidies systematized by the North American functionalist sociology, or of the legal emphases of the Fourth Estate, that the first courses of Journalism in Brazil (years 1940-50) offered, he decided unlink from a career of the professional routine to become permanent researcher, through Brazilian territory, in America or in Europe, ruling himself by questions marks and not ideological or doctrinal certainties. His open identity of a Brazilian, Latin, and Ibero-American is evidenced in the plurality of his fingerprints that his books and collections record. All of them conjugating multiple minds. The discussion of public policies of the collective, anonymous, and social communication – less massive, has been present in communication's congresses, associations, graduate and postgraduate courses. In this field, José Marques de Melo became an unique in Ibero-American leadership. Stands out the content's essence that mobilized him, his thirst for the epistemological plurality, his unconditional embrace of the different, and his conscious miscegenation of identity contributions. In synthesis, we are heirs of him through his set of titles that go through all these steps.

### Keywords:

José Marques de Melo. Cremilda Medina. Ibero-American Communication.

<sup>1</sup> Jornalista, pesquisadora e professora titular sênior da Universidade de São Paulo, é autora de 19 livros e organizou mais de 50 coletâneas inter e transdisciplinares. Na docência e na pesquisa, atuou na graduação de Jornalismo e na disciplina “Narrativas da Contemporaneidade”, aberta a várias áreas de conhecimento e ao Programa da Terceira Idade da USP. Com trânsito em seminários internacionais e oficinas em universidades brasileiras e em Portugal, orientou 29 mestres, 31 doutores e dois pós-doutorados. *E-mail:* medinase@usp.br





## Caleidoscopio iberoamericano bajo la óptica de José Marques Melo

### Resumen:

José Marques de Melo, herederodelbagaje técnico y subsidios sistematizados por lasociología funcionalista norteamericana, o delénfasis legal del Cuarto Poder que ofrecieronlosprimeros cursos de Periodismo en Brasil (años 1940-50), decidiódesevincularse de la rutina profesional para convertirseen investigador permanente, a través delterritoriobrasileño, en América o en Europa, gobernándose a sí mismo por interrogantes y no por certezas ideológicas o doctrinales. Suidentidadabierta de brasileño, latino e iberoamericano se evidencia enlapluralidad de sus huellasdactilares que registran sus libros y colecciones. Todas ellas a armonizarmultiples mentalidades. La discusión sobre políticas públicas de lacomunicacióncolectiva, anónima y social, o sea, menos masiva, ha estado presente encongresos, asociaciones, cursos de graduación y postgrado de comunicación. En este campo, José Marques de Melo se convirtióenun líder único enelespacioiberoamericano. Destacase laesenciadelcontenido que lomovilizó, sused por lapluralidad epistemológica, suabrazo incondicional a los diferentes y su consciente mestizaje de lascontribucionesidentitarias. Ensíntesis, somos herederos de él a través de su conjunto de títulos que pasan por todos estospasos.

### Palabras clave:

José Marques de Melo. Cremilda Medina. ComunicaciónIberoamericana.

Quem quiser pesquisar algumas das muitas vertentes do pensamento ibero-americano sobre a comunicação social, reserve tempo e energia, antes de mais nada, para os itinerários mapeados por José Marques de Melo (1943-2018). De próprio punho ou organizando escrita coletiva, o pesquisador brasileiro que há pouco perdemos (20 de junho de 2018), reúne trajetórias decisivas na afirmação dos autores latino-americanos, bem como da histórica miscigenação/enfrentamento com a reflexão ibérica.

Quando publiquei um texto sobre o tema na revista *Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* (2006a), ousava apontar, no múltiplo caleidoscópio da América Latina, o significativo momento do fim dos anos 1960 para os 1970. A ação comunicativa da época deslocava o discurso do conflito político-econômico Leste/Oeste para a emergente guerra simbólica Sul/Norte, em que nossa geração de pesquisadores iria marcar espaço de discussão conceitual e práticas profissionais. Nesse mesmo artigo, começava por revisitar a já fértil obra de Antonio Candido (1918-2017) e me detinha no depoimento que então colhera dele, denotando sua clarividência a respeito da produção ensaística da região.

A interpretação de Candido deslizava, à vontade, da sociologia à literatura, da literatura à sociologia. No livro *A educação pela noite e outros ensaios* (1987), propunha uma leitura cultural sobre a América Latina sob a ótica de três hipóteses: até as primeiras décadas do século passado, predominara entre os ensaístas a *consciência amena do atraso*; a partir dos anos 1930, se formaria a *consciência catastrófica do*





*atraso*, cuja expressão culminante ocorrera no pós-Segunda Guerra; da década de 1960 em diante, se acentua uma *consciência dilacerada do atraso*, quando os pensadores latino-americanos iriam formular a teoria da dependência.

Se as hipóteses são válidas para as ciências sociais, também são captadas por estudiosos da literatura como o próprio Antonio Candido. É nessa erupção do pensamento crítico e da criatividade literária que se afirma o chamado *boom* do romance latino-americano, com primazia dos hispanos publicados em edições ibero-americanas no parque editorial de Barcelona. E, deve-se acrescentar, os ficcionistas brasileiros, publicados no território nacional, também deixam os marcos da *Posse da terra* (1985).

Como não girar o caleidoscópio e focar, na época, as jovens ciências da comunicação? Sobretudo a informação jornalística ou as narrativas da contemporaneidade, assinadas por repórteres-ensaístas, vocalizam, a partir da América Latina e sua “consciência dilacerada”, a corrente do Direito Social à Informação; a inquietude pela consistência interpretativa sobre a realidade factual da informação jornalística e o mundo conceitual analítico; a formação de comunicadores à altura das práticas dialógicas da democracia; o aprofundamento de metodologias de pesquisa a serviço da reflexão teórica que rege os fundamentos da comunicação coletiva. Ou seja, um denso pacote da epistemologia contemporânea.

É, portanto, no território inquieto dos anos 1960 que se apresenta um jovem pesquisador, muito atento perante os movimentos da massa crítica desse campo que se vai afirmando nas ciências humanas. José Marques de Melo, herdeiro da bagagem técnica e dos subsídios sistematizados pela sociologia funcionalista norte-americana, ou das ênfases jurídicas do Quarto Poder, que os primeiros cursos de Jornalismo no país (anos 1940-50) ofereciam, descolou-se de uma carreira de rotina profissional para viajar na terra brasileira, na América ou na Europa, em busca da pesquisa permanente, regida por interrogações e, não, certezas ideológicas ou doutrinárias.

A identidade aberta de um brasileiro, latino e ibero-americano se comprova na pluralidade das digitais que seus livros e coletâneas registram. Todas elas conjugando múltiplas cabeças. Talvez não se possam traçar fronteiras entre teorias por ele aceitas e teorias por ele rejeitadas. Sei, por experiência própria, que, se em algum momento me distanciava de seus itinerários, pelas veredas da epistemologia e da transdisciplinaridade, Zé Marques me olhava com ar crítico – *você está fugindo do*





*Jornalismo? Estou estranhando você* –, para, logo em seguida, depois de desanuviar a expressão, generosamente convidar: *vamos lá, quero entender o que você está fazendo agora*. Não conheci uma única objeção intelectual à somatória de movimentos teóricos ou metodologias científicas. Sua preferência, para além das idiossincrasias pessoais, era pôr a pesquisa coletiva em ação, não havia espaço para opções burocráticas, dogmáticas, oportunistas.

O convite para escrever este depoimento me foi apresentado após ter escrito uma carta póstuma (2018), logo após a sua morte. Como registrar as marcas de José Marques na América Latina? Fiz um levantamento no conjunto de livros escritos ou organizados por José Marques de Melo. Seria mais rico ir a sua casa, ser recebida pelo carinho de Sílvia, companheira de toda a vida, conversar com ele sobre um tema tão caro – a intensa circulação pela geografia dos congressos, encontros, diálogos ibero-americanos ou sua pesquisa bibliográfica de todas as teorias da comunicação social. Como não está aqui, tento conversar com a palavra escrita: a fluência de sua oratura quando falava em público ou em particular e, agora, a literatura especializada que nos legou ressoam na memória do mundo dos afetos e das ideias.

Escolho um ensaio, à guisa de prólogo, na obra que José Marques organizou junto com Margarida Maria KrohlingKunsch que, já no título, abrange a *Comunicação ibero-americana nos sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação* (2012). Na primeira frase do livro, o pesquisador brasileiro apresenta perfeita sintonia com o depoimento que colhi de Antonio Candido décadas antes:

O processo de descolonização, intensificado na conjuntura posterior à Segunda Guerra Mundial foi, sem dúvida, o fator responsável pela conquista da legitimidade internacional das ciências sociais. Até então, as disciplinas voltadas para o conhecimento do homem, da sociedade, da vida em comunidade eram relegadas a plano secundário pelos planejadores das políticas públicas (MARQUES DE MELO, 2012, p. 9).

Dessa “consciência dilacerada”, segundo Candido, surge, em particular na América Latina, mas também nos ensaístas europeus, o que José Marques acentua no segundo parágrafo: a valorização da democracia e o espaço significativo da comunicação social.

É por isso, continua o prólogo, que a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) “induziu a criação de uma comunidade mundial dos cientistas da comunicação, da mesma forma que procedera nas disciplinas



de economia, sociologia, política e antropologia” (MARQUES DE MELO, 2012, p. 9). Como em qualquer processo histórico, há antecedentes ou recorrências e longas trajetórias conflitivas para os avanços. Na ótica do pesquisador, embora desencadeada em 1949, a constituição do espaço acadêmico de produção científica da área ganha força uma década depois, quando foi criada, em Paris, a International Association for Mass Communication Research (IAMCR). Aparentemente a hegemonia franco-americana estaria definitivamente implantada, não fossem outras vozes da geopolítica dos anos 1950-60. “Legitimada por alguns países do terceiro mundo – entre eles o Brasil –, a nova entidade cresceu sob a tensão da ‘guerra fria’, procurando manter um equilíbrio negociado entre as forças que disputavam a primazia epistemológica” (MARQUES DE MELO, 2012, p. 9).

(Abro parênteses para exemplificar disputas simbólicas quanto ao núcleo duro das teorias da comunicação. Talvez o caso mais sintomático que irá comparecer na conceituação dessa época e até hoje mantém seu residual epistemológico, são as definições de *massa – mass communication*. Seja pela vertente frankfurtiana de Adorno, com ênfase na manipulação das consciências (massa), seja pela estática unidirecional do emissor-mensagem-receptor, ou seja aquilo que Merton (1970) defendeu como síntese do balanço cruzado da herança da visão norte-americana e a herança da visão europeia, não ocorria o pensamento único, antes mesmo dos estudos de recepção questionarem esses paradigmas. Acrescento que já na década de 1960, um belga e um brasileiro desmontavam o conceito de massa, bem como um discípulo da Escola de Frankfurt e outros europeus ampliavam as contradições da comunicação social. Ligeiramente, para não me desviar do autor em causa neste texto, cito Jean Lohisse, que apresentou uma tese nova em que substitui *comunicação de massa* por *communication anonyme* (1969). Como sugeriu o sociólogo Gabriel Cohn, massa é um conceito em busca de um objeto empírico. Hans Magnus Enzensberger, Abraham Moles (1920-1992), Edgar Morin, Umberto Eco (1932-2016), entre outros, ajudaram a desconstruir a “primazia epistemológica” do conceito de massa.)

O contexto que o prólogo de Marques em 2012 reforça nessa desconstrução é a pluralidade de protagonistas que se confronta, na segunda metade do século passado, com o pensamento hegemônico gerado na Segunda Guerra na Europa em conflito com o nazismo ou gerado no pragmatismo funcionalista norte-americano. No âmbito da quebra de dependências, as iniciativas da pesquisa, a criação de polos de pós-graduação, a



produção cultural na academia, no parque editorial e nas práticas comunicacionais, a América Latina apresentou, como tem sido sua vocação histórica há séculos, uma forte corrente ensaística. O primeiro curso de pós-graduação em Ciências da Comunicação no Brasil e na América Latina foi implantado em 1972 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e José Marques de Melo, chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração atuou no pioneirismo dessa iniciativa que seria decisiva para a pesquisa científica da área.

A discussão de políticas públicas da comunicação *coletiva, anônima, social*, como queiram, menos massiva, tem alimentado congressos, associações, cursos e formação estrito e lato sensu de profissionais. Nessa seara, José Marques de Melo ganhou liderança ibero-americana ímpar. Se fosse citar os eventos marcantes, não deixaria de sublinhar a essência do conteúdo que o mobilizava, dizendo de outra forma, a sede da pluralidade epistemológica, o abraço incondicional aos diferentes e a consciente miscigenação dos contributos identitários. Para culminar, dele somos herdeiros do conjunto de títulos que percorrem todos esses passos. Posso citar a propósito o livro *Comunicação ibero-americana*, que se refere ao I Confibercom, em 2011, em São Paulo. E não poderia ter melhor palco, que a Universidade de São Paulo, “cujas Escola de Comunicações e Artes (ECA), anfitriã do evento, possui raízes ibero-americanas, singularidade que transparece nitidamente no ideário de seus fundadores”, relembra Marques (2012, p. 10), que dirigiu a escola de 1989 a 1993.

Juçara Brittes, autora do artigo *José Marques de Melo: perfil intelectual*, publicado na coletânea *Teoria da Comunicação, antologia de pesquisadores brasileiros* (2004), organizada por Antonio Hohlfeldt e Maria Cristina Gobbi, abre com uma síntese biográfica: “José Marques, primeiro acadêmico a ostentar o título de doutor em jornalismo no Brasil, está entre os mais importantes edificadores das ciências da comunicação no Brasil e na América Latina.” (BRITTES, 2004, p. 83). Nesse mesmo livro, o próprio Marques demonstra como fez jus a essa titulação. Enraizado na pesquisa histórica e sociológica, oferece uma interpretação do surgimento tardio da imprensa no Brasil (1973), ao mesmo tempo em que implantava na ECA/USP a metodologia dos estudos de Jornalismo Comparado. Foi nessa disciplina que iniciei minha participação, como docente, na Universidade de São Paulo. Formada em Jornalismo e Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1964, fui convidada para trabalhar como assistente de catedrático, em 1967, nas disciplinas técnicas e jornal laboratório.





Em 1971, sob a regência de José Marques, me desloquei para uma disciplina de pesquisa na formação de jornalistas.

Ainda no texto de Juçara Brittes (2004), destaca-se no perfil intelectual do autor a conjugação do educador e do pesquisador. Também Marques em Pernambuco, como eu no Rio Grande do Sul, começamos a carreira universitária na cadeira “Técnica de Jornal e Periódico” na década de 1960, ele, sob a direção de seu eterno mestre Luís Beltrão (1918-1986), eu, sob a direção do jornalista e advogado Salvador Bruno (1911-1986). Essa estranha coincidência nos reúne à partida, mas misteriosamente vai nos unir em São Paulo poucos anos depois, não apenas pela transmissão de técnicas, mas na geração de conhecimento, vocação inaugural da USP.

Há de se acrescentar que não só o contexto nacional, então a repressão da ditadura militar, como os contextos latino-americanos clamavam por oficinas metodológicas e enraizamento histórico-cultural. Quem convivia com Zé Marques no fim dos anos 1960-1970 não tinha oportunidade nem de se alienar nos encantamentos das técnicas ou das tecnologias, nem de se isolar em esferas geopolíticas ou ideológicas. A pesquisa se assentava na situação latino-americana e no embate local com a censura e a repressão. O departamento de Jornalismo da USP desses tempos ameaçados, mais os desafios de definitiva implantação da pesquisa no primeiro programa de pós-graduação da América Latina (1972), no qual sou a primeira mestre formada (1975), davam às Ciências da Comunicação um estatuto que se salientava no domínio dos demais saberes científicos e na confluência dos esforços da região em que o Sul reivindicava o Direito Social à Informação perante o Norte hegemônico na distribuição dos significados do acontecer mundial. Nessa ação teórico-prática, a presença de José Marques de Melo era perturbadora.

Mas as camadas que ele revolia não tendiam à dispersão: quem quisesse trabalhar, era só arregaçar as mangas e não se acomodar em conforto individualista. Agregar e agregar, uma marca que o define, seja em tempos heroicos vividos nas ditaduras latino-americanas<sup>2</sup>, seja em tempos posteriores em outras universidades onde atuou. Conforme registram os documentos e livros, a Escola Latino-Americana de Comunicação muito deve ao pesquisador, justamente por seu espírito agregador. Ainda citando a revisão de Juçara Brittes, essa escola consolida o arcabouço teórico,

<sup>2</sup> Até onde for possível na USP; de 1974 a 1975, nossa geração foi forçada a deixar a universidade, ver Relatório da Verdade da USP, volume 8, 2018.





cuja característica distintiva dos demais enfoques é o sincretismo metodológico – a capacidade de absorver múltiplos métodos de observação, adaptando-os aos objetos estudados. Retira-os da própria história local, desenhada pela mestiçagem, assim como das fontes europeias e norte-americanas, nas quais buscou inspiração inicial, para logo depois adaptá-la à realidade vivenciada (BRITTES, 2004, p. 87).

O conjunto desses autores, cruzado com os afins/diversos da Península Ibérica, sempre corre o risco de ser incompleto. Para ser fiel ao generoso convite aberto para eventos e coletâneas do brasileiro José Marques para todos que quisessem participar do banquete de tendências, faço uma rápida recorrida das disciplinas que aí comparecem: da historiografia à sociologia, ciência política ou economia; dos estudos culturais, da antropologia às ciências da comunicação, da semiologia estrutural à semiótica culturalista; da linguística à literatura; das artes aos saberes do cotidiano; do direito à geografia... Há vertentes para todas as vocações nas estradas do conhecimento que o pesquisador percorreu, com ênfase nos ibero-americanos, justamente porque são férteis na ensaística autoral. Captou como ninguém essa voz múltipla.

Dizia eu em um texto de uma revista do SESC:

[...] O território contínuo e gigantesco da América Latina dá mostras também de uma capacidade misteriosa, a de transcender o caos da própria realidade terrena e criar um cosmos mítico. Os latino-americanos não têm medo do inconsciente coletivo e de brincar com seus desejos profundos (MEDINA, 2003, p. 39).

Quando voltamos à USP, nos anos 1980, trazia comigo a inquietude mítica do “desejo de outra História” que a literatura me inoculava. Passara os primeiros sete anos viajando ao encontro dos escritores de língua portuguesa: primeiro, na minha terra natal, Portugal; depois, na minha terra definitiva, Brasil, e, por último, na ancestralidade humana, representada pelos Cinco da África, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde, na ordem da Viagem. Quando defendi a livre-docência na USP em 1989 e apresentei a tese *Povo e personagem* (1996), tive diante de mim dois interlocutores de banca que muito me gratificaram: o inspirador Antonio Candido e o parceiro José Marques de Melo. Apresentava para avaliação uma proposta metodológica que não constava dos itinerários das ciências da comunicação: a *leitura cultural*.

Para o examinador da área mais acostumado à análise do discurso ou à metodologia focada no signo, era um tanto estranho o *acontecer do signo numa leitura cultural*. Para o examinador cuja metodologia se teceu no cruzamento da literatura e





ciências sociais e definiu o *ato crítico* na relação cultural do emissor (autor da obra literária) e receptor (leitor dessa obra), ficou mais aceitável minha opção pela semiologia cultural em que *o signo acontece* tanto no processo literário quanto no processo comunicacional. José Marques dialogou empaticamente com Antonio Candido e a leitura que fiz dos personagens literários dos autores portugueses, brasileiros e africanos foi partilhada no que eles espelham miticamente suas respectivas sociedades. A leitura proposta primeiro encontra as circunstâncias sociais, depois se defronta com os traços culturais e mais profundamente descobre a atualização histórica dos mitos. No fundo, é uma experiência metodológica em que a fruição da sensibilidade solidária se alia à racionalidade analítica e mobiliza uma ação criativa nas narrativas da contemporaneidade, campo por excelência da *reportagem-ensaio de autoria* no jornalismo, que há muito defendo no exercício profissional ou na pedagogia e pesquisa do ensino superior.

Marques, envolvido até a raiz dos cabelos com todas as tendências teóricas não só de ibero-americanos como com as demais matrizes do conhecimento, não se fechou em um paradigma, nem, muito menos, deixou de lado a arte, em particular, a literatura. Por isso talvez tenha aceitado minha irreverência perante o quantitativismo e análise do discurso de nossos estudos de Jornalismo Comparado no início dos anos 1970. Tão logo me convenceu a fazer o primeiro curso de especialização em Quito, Equador, no Ciespal, que ele próprio frequentara, ali estudei com os professores e jornalistas latino-americanos, as teorias funcionalistas, as teorias sociológicas europeias e até mesmo aquelas provenientes da antiga União Soviética. No auditório equatoriano, em três meses de 1972 de estudos especializados, me rebelei perante a metodologia que quantificava e estratificava categorias de análise da mensagem jornalística. Quando voltei, Zé Marques, na liderança da pesquisa brasileira, nunca se opôs a que seguisse meu caminho: em lugar de assentar a mensagem em enquadramentos (de editorias, no fundo) e medir com régua centímetros/coluna, me lançava, junto com os alunos de graduação da ECA/USP (1971-1975) a descobrir o **processo contraditório** da construção da notícia, em que emissor, mensagem e receptor estão envolvidos sob as condições sócio-político-econômicas, mas também partícipes de um processo identitário e, ainda que inconscientemente, produtores da atualização histórica de mitos universais.

Muitas vezes me senti marginal nas etapas tão bem mapeadas por Marques: a era técnico-humanística dos cursos de Jornalismo nas faculdades de filosofia até a era das





faculdades de comunicação, em que a ECA/USP é pioneira nos anos 1960; a era dos estudos fenomenológicos que se enraizaram em 1972, também na ECA/USP, com o primeiro programa de pós-graduação em ciências da comunicação; a era muito exuberante, internacionalmente, das novas tecnologias, que vai desembocar na era digital contemporânea. Participante de todas essas camadas que vão se acumulando no conhecimento acadêmico, atuante e motivador de encontros pelo mundo afora com a pauta do momento, o incansável pesquisador, para além de se ancorar nas inovações, me confessava seguidamente que não podíamos perder o viés humanista. Eu lhe dizia que nós, egressos desse clima de construção no pós-guerra, anos 1950-60, contaminados que fomos por uma misteriosa intertextualidade no mundo sem internet, não perderíamos a consciência que clamava pela superação democrática da hecatombe da violência e da injustiça social que cercam os deserdados (hoje nomeados eufemisticamente por desalentados). Não estive com Zé Marques nas vésperas de sua morte em junho de 2018, mas desconfio que olharíamos um para o outro e nossa frase teria uma só leitura: desde que nos encontramos, só nos conhecemos, até hoje, na resistência cultural...

As marcas de identidade sempre foram eixos culturais que nos uniam em meio à herança tecnicista das gramáticas do jornalismo e da comunicação social. Não é de estranhar, pois, que o pesquisador atravessasse continentes, sempre com a altivez da face latino-americana e brasileira. Suas iniciativas de aproximação com o Norte, seus estudos nos Estados Unidos logo privilegiaram as matrizes mestiças dos ibéricos. No IV Encontro Ibero-Americano, em 1989 - três meses após a defesa de *Povo e personagem* (Ed. Ulbra, 1996) na minha livre-docência antes citada -, José Marques, que organizou na ECA/USP o encontro como diretor da escola, assim o interpretou:

O tema central – Integração e Comunicação – permitiu o questionamento de dois aspectos que marcam as relações entre a Europa Ibérica e a América Latina: de um lado as perspectivas de aproximação/distanciamento que irão caracterizar as relações entre os dois continentes neste final de século, quando a Península Ibérica se incorporou à Comunidade Econômica Europeia; de outro lado, as potencialidades/obstáculos para a integração regional dos países da América Latina que possuem raízes culturais luso-espanholas (MARQUES DE MELO, 1990, p. 7-8).

Navegando nesses contextos contraditórios/conflitivos, o organizador do evento interroga o papel a ser desempenhado pelos meios de comunicação social “nos dois processos de natureza político-econômica e sociocultural” (MARQUES DE MELO, 1990, p. 7). As raízes históricas das línguas, presentes nos traços identitários que se





expressam nas literaturas hispano-americanas (ainda me refiro a *Povo e personagem*) e se fizeram reconhecidas no *boom* latino-americano do século passado, estariam presentes nas teorias e práticas da comunicação ibero-americana? Se me dediquei a perseguir essas digitais na literatura, Marques procurou tenazmente encontrá-las na reflexão da hermenêutica e na pesquisa empírica da miscigenação dos polos latinos dos dois continentes.

Na minha busca da linguagem mítica dos desejos coletivos de outra História, culminara, nos anos 1980, nas literaturas de língua portuguesa na África; tão logo o livro que as registrava foi publicado (1987), a incansável ação do estudioso da comunicação e do jornalismo organizou um seminário na USP com os autores que vieram para o lançamento de *Sonha Mamana África* (1987). Nas metáforas de poetas e ficcionistas africanos os sonhos do resgate humano do *sapiens* estão gestados no grande ventre dessa *mamana* (palavra específica que encontrei em Moçambique e não *mama*, de origem italiana). Repito o que venho dizendo: no caleidoscópio de José Marques de Melo, os países africanos de língua portuguesa se somavam à complexidade contraditória do caldo cultural ibero-americano e sua voz mestiça no mundo. Ou seja, na comunicação global que se apossou dos imaginários e das pautas de pesquisa, a presença das identidades localizadas foi muito bem captada pelos ensaístas latino-americanos. Essa outra frente de atuação do profícuo organizador de congressos a partir da USP e de outras universidades nacionais e internacionais foi muito significativa quando liderou a representação da Cátedra UNESCO de Comunicação no Instituto Metodista de Ensino Superior. No livro *Identidades culturais latino-americanas em tempo de comunicação global* (1996) propõe como foco dos debates, em primeiro lugar, os traços fundantes que a história legou:

A América Latina constitui uma região sociocultural marcada pela diversidade. Antes do advento de Colombo, Cabral e outros navegadores ibéricos, as populações indígenas já se caracterizaram pela pluralidade dos modos de viver. Por sua vez, os colonizadores acrescentaram novos elementos a esse cadinho civilizacional, desencadeando processos de mestiçagem que se converteriam em nossa marca definitiva (MARQUES DE MELO, 1996, p. 15).

Marques detecta sinais de alarme na euforia tecnológica e econômica da globalização e, com perspicácia, opõe a esse pico de febre simbólica a recorrência das miscigenações desde que, biológica e culturalmente, o *sapiens* se afirma. Provoca então os participantes do encontro: “As novas tecnologias de informação destroçam as





fronteiras físicas entre as nações, expondo os indivíduos a uma cultura mundializada que pode minar pela base as identidades nacionais ou regionais” (MARQUES DE MELO, 1996, p. 15). E a pergunta culminante da palavra inaugural no seminário de 1995: “Se, como vaticinam alguns, o mercado global traz em seu bojo potencialidades multiculturais, qual o espaço que as culturas latino-americanas podem ocupar no novo mapa do mundo?” (MARQUES DE MELO, 1996, p. 15). A trajetória do intelectual se desdobra no caleidoscópio de metodologia de pesquisa (por exemplo, Jornalismo Comparado) para as vertentes histórico-sociológicas da imprensa, aporta como antes assinalado nas teorias culturais e se avizinha da reflexão filosófica na comunicação. Em qualquer patamar hermenêutico ou empírico, quem está no eixo central é o ouvinte da pluralidade de vozes e o articulador de nexos dos conteúdos emergentes captados dos autores pares ou ímpares. E aí se encontra a diversidade de paradigmas.

Em 2009, quando se celebrou, na Universidade de Marília (São Paulo), o jubileu de ouro do Ciespal, instituição que vocalizou a expressão integradora do pensamento comunicacional latino-americano, Marques, na conferência inaugural do XIII Colóquio Internacional do Celacom, voltou a salientar a diversidade e dialogia da reflexão que se concentrou em Quito:

A semente foi plantada em solo fértil, gerando o Ciespal e nele criando condições para nutrir o Pensamento Comunicacional Latino-Americano, cujo perfil assimilou o hibridismo típico das instituições situadas em áreas-fronteira (entre dois mundos) e cuja identidade (indo-euro-americana) é contingência da seiva mestiça que plasmou seu DNA cultural (MARQUES DE MELO, 2010, p. 19).

Os textos dos participantes desse XIII Colóquio Internacional do Celacom foram organizados por José Marques, Maria Cristina Gobbi e Rosangela Marçola em um livro publicado em 2010. Escrevia eu, também egressa do Ciespal nos primeiros anos de 1970, sobre um percurso paradigmático que regeu a linha mestra do meu grupo de pesquisa e dava o título à palestra de 2009 em Marília: *Do difusionismo à dialogia democrática*. Na revisão paradigmática que estes ciclos implicam, a unidirecionalidade da divulgação ao processo conflitivo/contraditório da oferta e da demanda da informação nas sociedades democráticas, o que nomeei *Signo da relação* (2006b) dá o legítimo estatuto à comunicação coletiva. Na oportunidade, confluía com a ênfase paradigmática de Marques quanto ao DNA cultural para a dialogia, tanto na diversidade da América Latina quanto na diversidade Sul-Norte dos debates do século passado no tema Direito Social à Informação, tão bem registrado no livro organizado pelo





pesquisador chileno Fernando Reyes Matta sobre *A informação na Nova Ordem Internacional* (1980).

Esse paradigma, com forte acento sociológico e jurídico, recebeu contribuições significativas, como já me referi, da antropologia e do *gesto da arte*, referências constantes em livros, na oficina pedagógica ou na metodologia de pesquisa. Houve, porém, um certo estranhamento por parte de Zé Marques quando decidi enfrentar a fragmentação da ciência e a crise de paradigmas em 1990 e organizei o Primeiro Seminário Inter e Transdisciplinar na ECA/USP. Os anais do encontro que ultrapassou a fronteira das ciências humanas e as pôs em diálogo com as ciências da natureza e as ciências biológicas, publicados com o título que deu origem a uma série, *Novo pacto da Ciência* (1991), acrescia inquietudes para além dos paradigmas vigentes. Muitas delas expostas na física, na matemática, na química, na medicina, na história, na geografia, na biologia, na pedagogia ou na comunicação. Um tanto perplexo, o constante parceiro da pesquisa desta área manifestou um certo desacordo, estaria eu abandonando a principal estrada da comunicação social, o jornalismo? A resposta logo se apresentou nas virtualidades inter e transdisciplinares para a dialogia.

Na permanência do esforço intelectual do pesquisador, Marques publicou um estudo sobre a *Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos* (1998), em que cita as principais vertentes de debate e reflexão da região, sobretudo da Nova Ordem Sul/Norte, dos gritos de desenvolvimentismo socioeconômico dos países latino-americanos, da voz sufocada pelas ditaduras, as conquistas do Estado de Direito, novas tecnologias ou crise de paradigmas. Ou seja, complexos domínios de pesquisa que lançam interrogantes ao conhecimento científico como um todo. Com o auxílio das neurociências, das revisões metodológicas, por exemplo, na história, ou dos laboratórios epistemológicos da dialogia comunicacional, reunimos no grupo de trabalho transdisciplinar subsídios que alteram a visão de mundo, os comportamentos, valores e as estéticas autorais do *Signo da relação*.

O *Projeto Plural* (antigo projeto de pesquisa credenciado no CNPq no início dos anos 1990 com o título *A fragmentação do conhecimento científico e a crise de paradigmas*) pavimentou uma senda paralela documentada em onze coletâneas do *Novo pacto da Ciência* e meu bom amigo Zé Marques não deixou de acompanhar essas contribuições. Assim como ele foi um especial colecionador dos livros-reportagem que realizei com os alunos de graduação em jornalismo na ECA/USP (*São Paulo de Perfil* -



26 títulos publicados e o 27º inédito) – se orgulhava de ter a coleção inteira na sua biblioteca –, acompanhou com atenção os debates transdisciplinares da outra série. Nos encontros pessoais, manifestava curiosidade e compreensão plena pela oficina interdisciplinar que se saía disciplina central da comunicação, o jornalismo, e a ela voltava para desafiar o autor das narrativas da contemporaneidade com os impasses epistemológicos comparáveis aos de um médico no microcosmo do consultório ou de um físico na observação-experiência do macrocosmo do universo.

### Sentirei falta de sua interlocução, José Marques de Melo.

#### Referências:

BRITTES, Juçara. José Marques de Melo: perfil intelectual. In: HOHLFELDT, Antonio; GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Teoria da Comunicação**: antologia de pesquisadores brasileiros. Porto Alegre: Sulina, Imprensa Oficial RS, 2004, p. 83-97.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987, p. 140-162.

CIESPAL [Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina]. **Dos semanas en la prensa de la América Latina**. Quito: Ed. Ciespal, 1967, v. 46. [Pesquisa paradigmática da época, organizada na América Latina, media as categorias temáticas nos jornais e servia de manual de metodologia de Jornalismo Comparado.]

KUNSCH, Maria Margarida Krohling; MARQUES DE MELO, José. (Org.). **Comunicação ibero-americana**: sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação. São Paulo: CONFIBERCOM, ECA/USP, SOCICOM, 2012.

LOHISSE, Jean. **La communication anonyme**. Paris: Ed. Universitaires, 1969.

MACBRIDE, Sean. Prólogo. In: UNESCO. **Um mundo e muitas vozes**: comunicação e informação na nossa época. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

MARQUES DE MELO, José. Cooperação ibero-americana na conjuntura da democratização latino-americana. In: \_\_\_\_\_ (Coord.). **Ibero-américa, integração e comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 1990, p. 7-8.

\_\_\_\_\_. Communication and democracy: Brazilian perspectives: papers presented by ECA/USP to the IAMCR Scientific Conference. In: International Association for Media and Communication Research, 1990, Bled, Yugoslavia. **Proceedings IAMCR 1990**. São Paulo: ECA/USP, 1991.

\_\_\_\_\_. (Coord.) **Identidades culturais latino-americanas em tempo de comunicação global**. São Bernardo do Campo: IMS: UNESCO, 1996.

\_\_\_\_\_. **Teoria da Comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. MacBride, a NOMIC e a participação latino-americana na concepção de teses sobre a democratização da comunicação. **Logos** 28, Rio de Janeiro, ano 15, p. 42-59, 1º sem. 2008. Dossiê Globalização e Comunicação Internacional. Disponível em: <<https://bit.ly/2yILqob>>. Acesso em: 10 out. 2018.

\_\_\_\_\_. Na trilha de Darwin, a saga do Ciespal: de como a Unesco plantou, na metade do mundo, a semente do Pensamento Comunicacional Latino-Americano. In: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; MARÇOLA, Rosângela (Org.). **Do Jornalismo à Comunicação**: 50 anos de estudos midiáticos na América Latina. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010, p. 19-36.

\_\_\_\_\_. Prólogo. In: KUNSCH, Maria Margarida Krohling; MARQUES DE MELO, José. (Org.). **Comunicação ibero-americana**: sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação. São Paulo: CONFIBERCOM, ECA/USP, SOCICOM, 2012.

MATTA, Fernando Reyes (Org.) **A informação na Nova Ordem Internacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente**: jornalismo interpretativo. São Paulo: Média, 1973.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978. (edições seguintes pela Summus).

\_\_\_\_\_. **A posse da terra**. Escritor brasileiro hoje. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

\_\_\_\_\_. **Sonha Mamana África**. São Paulo: Epopeia, 1987.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Novo pacto da Ciência**. A crise dos paradigmas. Anais do 1º Seminário Transdisciplinar. São Paulo: ECA/USP, 1991.

\_\_\_\_\_. **Povo e personagem** Canoas, RS: Ed. ULBRA, 1996.

\_\_\_\_\_. Países irmãos. In: **Revista E**, SESC-SP, São Paulo, ano 9, n. 9, p. 38-39, mar. 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/2yyJnCL>>. Acesso em: 10 out. 2018.

\_\_\_\_\_. Flagrantes no caleidoscópio. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación** (ALAIIC), São Paulo, ano 3, n. 4, p. 30-41, enero-jun. 2006a. Disponível em: <<https://bit.ly/2pPNZjX>>. Acesso em: 10 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006b.

\_\_\_\_\_. A poética e o ensaio. **Revista Nossa América**, São Paulo, v. 1, n. 28, p. 53-59, 2008.



\_\_\_\_\_. Do difusionismo à dialogia democrática - 50 anos de estudos midiáticos na América Latina. In: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; MARÇOLA, Rosangela (Org.). **Do Jornalismo à Comunicação: 50 anos de estudos midiáticos na América Latina**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010, p. 65-75, v. 1.

\_\_\_\_\_. Carta Póstuma a José Marques de Melo. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 2, maio-ago. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2OnAR4c>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MERTON, Robert K. **Sociologia, teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SILVA, Janice Theodoro da (Coord.). **A Escola de Comunicações e Artes: o microcosmo da disputa por um projeto de modernidade**. Relatório da Comissão da Verdade da USP, v. 8. São Paulo: ECA/USP, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2pReqpt>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Submetido em: 25.10.2018

Aceitoem: 25.10.2018

